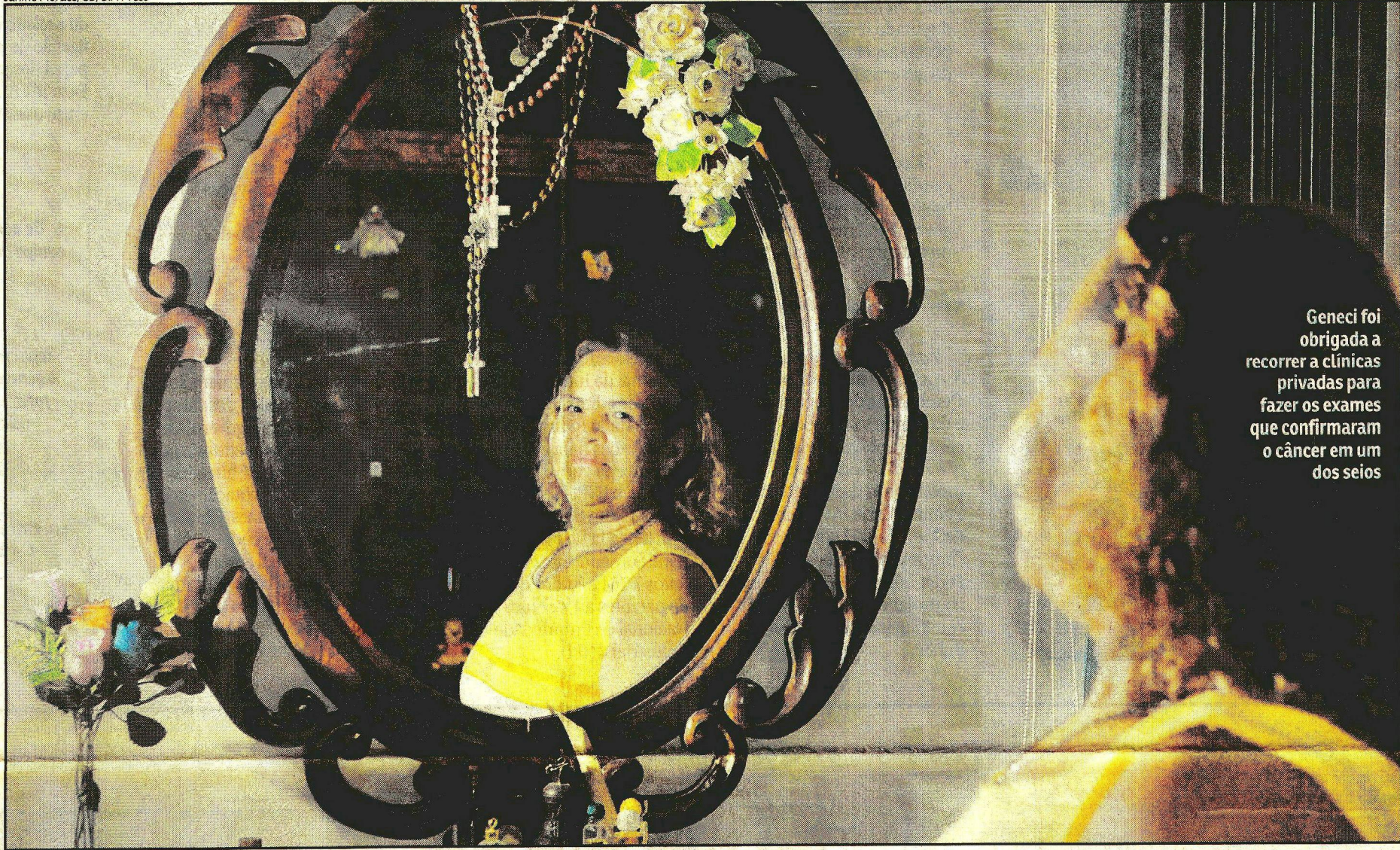


Muito longe do mundo de Angelina Jolie

Janine Moraes/CB/D.A Press



Geneci foi obrigada a recorrer a clínicas privadas para fazer os exames que confirmaram o câncer em um dos seios

Exames genéticos para prevenir câncer estão fora do alcance de brasileiras. Apenas 20% das que estão na faixa etária de risco se submetem à mamografia pelo SUS

»RENATA MARIZ

A coragem de Angelina Jolie, que retirou as duas mamas para se proteger de um provável câncer agressivo, sugerido por um teste genético de última geração, chamou a atenção do mundo inteiro na última semana. Não faltaram elogios à determinação da atriz diante da decisão de abdicar de uma parte do corpo tão ligada à feminilidade. Mas o episódio serviu também para reacender o debate sobre métodos de prevenção e de como diagnosticar a doença na fase inicial. Aqui e na maioria dos países, o exame que Jolie fez para descobrir a mutação no gene associado à doença e a própria mastectomia de precaução estão fora da lista de serviços oferecidos gratuitamente pelo governo devido ao custo elevado. No Brasil, porém, nem mesmo o teste mais elementar para detectar esse tipo de câncer tem cobertura pública satisfatória. Somente 20% das brasileiras em faixa etária de risco — dos 50 aos 69 anos — se submetem à mamografia pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

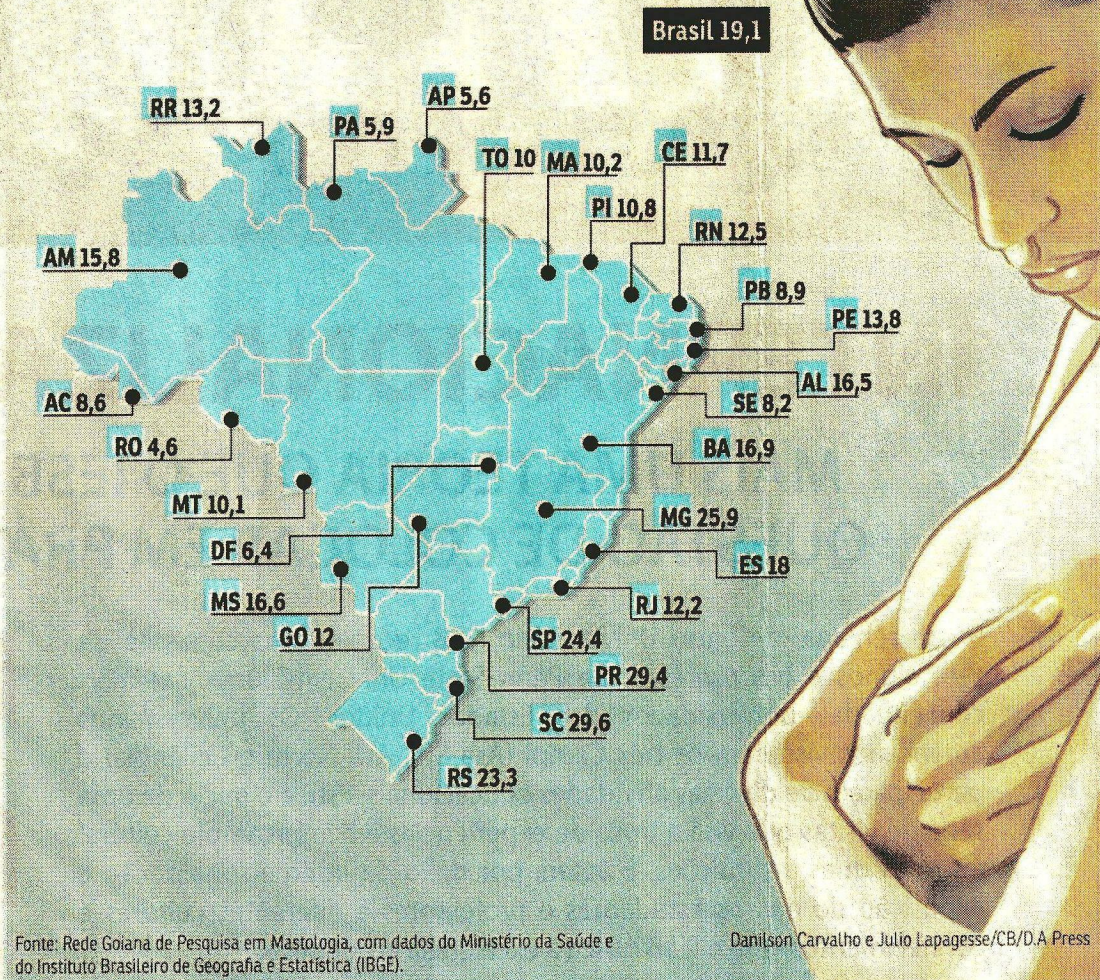
O levantamento, produzido pela Rede Goiana de Pesquisa em Mastologia, segue padrões estatísticos internacionais, relacionando as informações do Ministério da Saúde sobre mamografias feitas no país com o tamanho da população feminina de 50 a 69 anos de cada unidade da Federação, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (veja o quadro ao lado). Embora os dois bancos de dados se refiram a 2010, as conclusões retratam o panorama atual da oferta pública de mamografias no Brasil, garante Ruffo de Freitas Júnior, da Sociedade Brasileira de Mastologia (SBM) e um dos pesquisadores envolvidos no levantamento. “Houve uma melhora na assistência, mas, também, houve o ingresso de pessoas nessa faixa etária. Eu não tenho dúvidas de que os números de 2010 refletem bem 2013”, afirma o médico, que é diretor da Escola Brasileira de Mastologia da SBM.

Em um país em que 75% da população não têm plano de saúde, é de espantar que somente 20% das mulheres com risco de câncer procurem anualmente o SUS para fazer mamografias. Boa parte delas, no entanto, recorre a clínicas privadas. Sobre a oferta na rede particular, só há dados de Goiás. Lá, 52% das mulheres com mais de 50 anos pagaram para fazer a mamografia. Somadas às que conseguiram pelo sistema público, o total não chega a 70%. “Significa que temos 35% de mulheres que não fizeram (o exame preventivo), nem pelo SUS nem na saúde suplementar, no ano analisado”, explica Freitas Júnior. Estudo do IBGE de 2008 (o mais recente sobre saúde

Baixa cobertura

Ainda é baixa a oferta de mamografia na rede pública de saúde. Somente 20% das mulheres na faixa etária de risco fizeram exame pelo SUS em 2010 (dados mais recentes).

Mamografias feitas pelo SUS em mulheres com mais de 50 anos (em %)



Fonte: Rede Goiana de Pesquisa em Mastologia, com dados do Ministério da Saúde e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Danielson Carvalho e Julio Lapagesse/CB/D.A Press

feminina) mostrou que 30% das brasileiras de 50 a 69 anos nunca haviam feito mamografia na vida. Uma estatística aterradora, especialmente diante da estimativa da SBM de que uma a cada 12 mulheres no país terá câncer de mama.

Demora

Geneci Luiz da Costa passou dois anos sentindo dores e repetindo mamografias na rede

pública do Distrito Federal. Os médicos simplesmente não enxergavam nada nas imagens. Mas a mulher viu a mama esquerda crescer rapidamente. Impaciente com a demora a cada exame que precisava fazer, ela comprometeu boa parte do salário de empregada doméstica para pagar a mamografia em uma clínica particular. Quando o médico viu o laudo, mandou Geneci fazer uma

biópsia urgente. “Ele mesmo disse que pelo governo ia demorar dois ou três meses e que eu precisava do resultado rapidamente”, lembra a goiana de 54 anos. Teve de apertar o orçamento outra vez, recorrendo a um hospital particular. Até que recebeu a notícia de dois nódulos grandes.

“Eu fiquei muito triste, chorei. Pensei: ‘meu Deus, sou muito nova para morrer’. Mas resolvi lutar para ficar aqui com as minhas

três filhas. Decidi fazer tudo que eu pudesse para viver. Só me desesperava com a demora no atendimento, porque o câncer não espera”, recorda Geneci. A moradora de Ceilândia passou pela cirurgia de retirada da mama em 2011 e já começou o processo de reconstrução do seio.

Geneci só fica com o semblante mais sério quando se lembra das amigas de tratamento que tiveram complicações. Entre as mulheres, o câncer no seio é o que mais mata. São 12 mil mortes por ano, segundo o Ministério da Saúde, que representam 15% dos óbitos femininos decorrentes da doença no país. Para este ano, a estimativa é de 52,6 mil novos casos de tumores malignos de mama. Por ano, a rede pública faz, em média, 12 mil mastectomias. O procedimento só é indicado no SUS quando a paciente chega com a doença em estágio avançado ou quando o câncer é agressivo.

Reforço na prevenção

Para a mastologista Maira Caleffi, presidente da Federação Brasileira de Instituições Filantrópicas de Apoio à Saúde da Mama (Femama), o governo precisa reforçar o atendimento preventivo. “Houve expansão do serviço de mamografia, mas ainda é difícil. E depois, com um exame alterado nas mãos, as mulheres não conseguem fazer biópsia pelo SUS”, diz Maira.

Só depois dessa fase, com a detecção da doença e a inclusão do paciente no sistema informatizado, é que começa a correr o prazo de 60 dias para início do tratamento, conforme lei que entra em vigor nesta semana. “E antes disso, o que a pessoa faz? O problema é anterior ao tratamento, começa ainda lá na prevenção”, reclama a mastologista. Esta semana, em Brasília, a Femama fará um evento aberto à comunidade para discutir as dificuldades do atendimento público às mulheres com câncer de mama.

Ministério relativiza

O Ministério da Saúde informou, por meio da assessoria de imprensa, que não comentaria o estudo da Rede Goiana de Pesquisa em Mastologia por não conhecê-lo. Mas ressaltou que analisar os números de apenas um ano desconsidera as mulheres que fizeram mamografia nos doze meses anteriores e, portanto, estariam dentro da recomendação do governo, que é se submeter ao teste a cada dois anos. Tal indicação, entretanto, contraria o que preconizam as sociedades médicas brasileiras, que defendem uma periodicidade menor, a cada 12 meses, e que a mamografia seja feita a partir dos 40 anos.

“É direito assegurado por lei que as mulheres possam fazer a mamografia a partir dos 40, mesmo que a recomendação do Ministério da Saúde seja dos 50 em diante”, diz Maira Caleffi, presidente da Federação Brasileira de Instituições Filantrópicas de Apoio à Saúde da Mama (Femama). Ela cita a Lei 11.664/2008, que tornou possível a realização do exame pelo Sistema Único de Saúde (SUS) antes dos 50 anos.

Para o Ministério da Saúde, porém, as mamografias só devem ser antecipadas, se o médico achar necessário, quando houver histórico de câncer de mama em parentes de primeiro grau (mães e irmãs) antes dos 50 anos. A pasta destacou que o número de exames feitos pelo SUS na faixa prioritária (50 a 69 anos) cresceu 30% de 2010 a 2012 — atingindo, neste último ano, 2,3 milhões de testes. Mas não informou o quanto isso representou em termos de cobertura — levando em consideração o tamanho da população naquele período. (RM)